

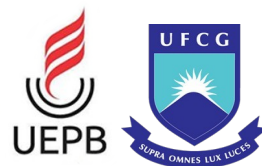


VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



Trabalha(dor): memória e resistência

Fabício Dias Medeiros²

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

O texto analisa a precarização histórica do trabalho rural na comunidade de Pedrinhas/Livramento (BA), motivada pela descoberta da carteira de trabalho do avô do autor. A partir dessa experiência, estabelece-se um paralelo entre a informalidade vivida pelos trabalhadores rurais e a vivenciada pelo autor enquanto trabalhador da cultura. Por meio da técnica de revelação fotográfica de cianotipia, o estudo registra o cotidiano da comunidade, evidenciando a persistência da desvalorização e da ausência de direitos formais entre diferentes gerações.

PALAVRAS-CHAVE: memória; trabalho; cianotipia; sertão nordestino.

PEDRINHAS: UM BAÚ E MUITAS MEMÓRIAS

Pedrinhas não é apenas o diminutivo da palavra “pedra”, mas também o nome de uma pequena comunidade sertaneja de trabalhadores rurais, composta por pouco mais de vinte famílias que vivem do cultivo da terra e do manejo de pequenos rebanhos, localizada no interior do município de Livramento de Nossa Senhora (BA). Em uma de minhas inúmeras visitas à comunidade, ao vasculhar um antigo baú, encontrei diversos pertences de meu avô já falecido. Entre os objetos, destacava-se sua antiga carteira de trabalho e recibos de contribuição previdenciária, em sua maioria, com as páginas em branco. Essa descoberta despertou em mim uma série de questionamentos sobre o trabalho rural e sobre minha própria realidade como trabalhador da cultura, que, apesar da intensa rotina de produção e estudo, ainda não possui vínculo formal registrado.

Desde 2020, venho fotografando os trabalhadores rurais da comunidade em seu cotidiano, encontrando na técnica de revelação fotográfica **cianotipia** uma forma de materializar essas imagens e experiências. A carteira de trabalho um dos suportes utilizados na revelação do ensaio foi criada com o propósito de registrar a

1 Trabalho apresentado no GT2 - Fotografia Contemporânea.

2 Licenciando em Artes Visuais - EBA/UFBA, e-mail: fabriciodiasmedeiros@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



vida profissional do trabalhador e assegurar-lhe o acesso a direitos trabalhistas. No entanto, quantas pessoas realmente têm acesso ao trabalho formal e oportunidades dignas de sustento? Meu avô e eu, embora pertencentes a tempos históricos distintos, compartilhamos a mesma angústia do “papel em branco”: a informalidade e a desvalorização social do ofício, seja ele agrícola ou artístico.

Figura 01 – Carteira de trabalho e recibos de contribuição previdenciários



Fonte: Arquivo do autor

SOBRE O TRABALHO E OS TRABALHADORES

Trabalho, palavra derivada do latim tripalium ou tripalus, que é o nome de uma ferramenta utilizada na imobilização de animais para a ferragem, mesmo nome de um objeto de tortura formado por três estacas de madeira que era utilizando contra pessoas escravizadas. A análise etimológica desta palavra nos permite tecer reflexões sobre nossas relações de trabalho e da sociedade que buscamos construir. Essa reflexão serviu também como inspiração para o título da pesquisa, que brinca estilisticamente com o sufixo da palavra trabalhador na sua separação e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



destaque entre parênteses, chamando atenção para o substantivo feminino “dor”, presente na construção da palavra.

Baseando-se nas concepções de “A natureza do espaço” (SANTOS, 2002), esta pesquisa entende o conceito de território como um recorte do espaço geográfico, que não é inerte, mas dinâmico, se caracterizando por ser o resultado de processos históricos. Os conceitos apresentados pelo professor Milton Santos oferecem aqui meios para poder refletir sobre como as transformações sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas moldaram o território onde está inserida a comunidade ao longo do tempo, além das implicações que esse processo traz para a vida em sociedade.

A cianotipia é um processo de impressão fotográfica em tons azuis, descoberto em 1842 pela botânica e fotógrafa inglesa Anna Atkins e pelo cientista e astrônomo inglês Sir John Herschel. A impressão da cianotipia acontece por contato. Primeiramente, sensibiliza-se um papel com a emulsão da cianotipia. Após a secagem coloca-se um negativo, sendo este produzido com auxílio do Photoshop e impresso em folha de acetato. Posteriormente, com o negativo e o papel no mesmo tamanho, realiza-se a exposição do mesmo na luz solar. Depois acontece a lavagem e a finalização do processo.

Dessa forma, é nessa “rede de conexões” (SALLES, 2006) que se formam durante o processo criativo de experimentação artística entre imagem, matéria e memória que se juntam para registrar poeticamente nestes papeis as atividades laborais que antes não puderam ser registradas como “atividade formal”.

Ao buscar por formas de revelação fotográfica alternativas, busco ampliar a discussão a respeito da formação e construção da imagem. Contribuindo na contemporaneidade no processo de experimentação e pesquisa, na descoberta de novos suportes alternativos, para além dos já tradicionais conhecidos. Favorecendo



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil

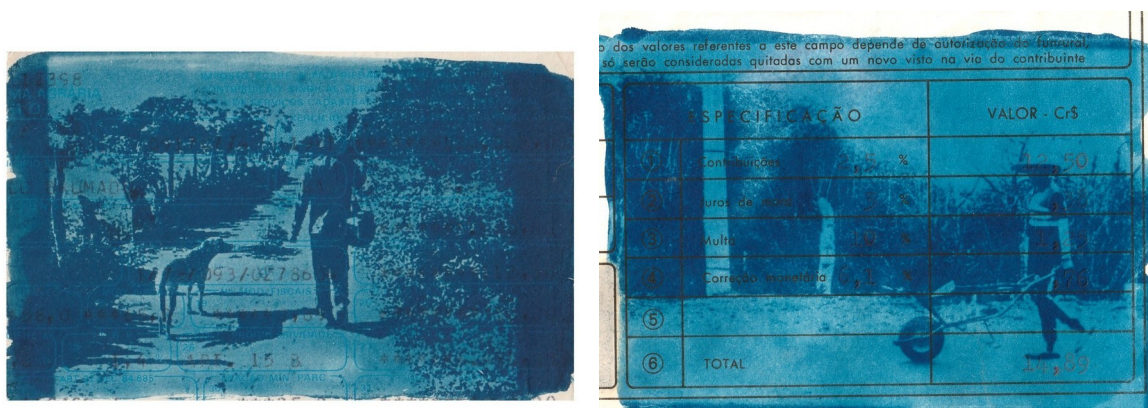


a expansão do campo da fotografia, seja na forma de registro, revelação ou apresentação da imagem.

Importante também ressaltar a importância do caminhar para a metodologia desta pesquisa. Muito além de uma atividade cotidiana, sendo aqui entendido como um mecanismo de coleta de dados, possibilitando ao artista/estudante se posicionar como um observador atento do espaço, como uma antena que capta experiências e sensações. Sendo essa ação de andar um motor criativo para a investigação ao acompanhar a rotina de trabalho dos moradores da comunidade que tem na fotografia sua forma de coleta e registro dessas memórias e experiências.

No ensaio O Narrador, de 1936, Walter Benjamin fala da importância de se narrar histórias e de como a experiência e a memória estão sempre ligadas, pois a experiência é transmitida pela narração de quem narra, sendo essa ação o que presentifica a memória do passado. Ele se mostra pessimista, pois entende que a arte de narrar está em extinção. Ele atribui isso a uma desvalorização da experiência na modernidade em detrimento da informação jornalística na sociedade capitalista, numa aceleração constante da vida e desconexão com a tradição de narrar.

Figura 02 – Imagens de cianotipias reveladas sobre os recibos previdenciários coletados.



Fonte: Arquivo do autor

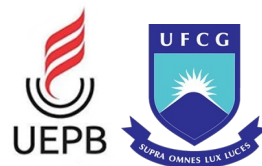


VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, quando na pesquisa se busca registrar a rotina de trabalho destes trabalhadores além de uma forma de dar voz e visibilidade é também um meio de contribuir para o registro e preservação destas memórias.

Para mim, narrar é a capacidade de compartilhar histórias através da fotografia. É também uma forma de acessar essas memórias, tensionar questões e promover reflexões. Entendo que é função tanto da arte quanto do artista poder ser um agente provocador e de transformação social.

Ser um artista contemporâneo vai além de produzir obras de arte a partir de uma tendência artística. Ser contemporâneo, como propõe Giorgio Agamben (2021), é poder perceber a escuridão no presente e trazer luz sobre a alienação. É também aquele que divide e questiona o tempo, sendo capaz de transformá-lo e relacioná-lo com outros tempos, lendo de forma inédita a história. Pois a luta é todo dia e se faz necessário semear novos caminhos para se colher um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução de: Davi Pessoa Carneiro. Autêntica 1 ed.; 2 reim. Belo Horizonte (MG), 2021.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução de: Maria do Carmo Zanini. Martins Fontes, São Paulo, 2016.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Editora G. GILI, São Paulo, 1º ed. 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação: construção da obra de arte**. Editora Horizonte, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002.